

## 7 Considerações Finais

Sempre que se realiza um trabalho como uma tese é necessário que ao final os caminhos trilhados sejam revistos, alguns pontos sejam ressaltados, considerações finais sejam feitas. Ao escolher o tema do trabalho, imagens fotográficas de professoras de 1890 a 1930, tinha em mente que investigaria um período representativo da história da educação brasileira. Tomando como base as fotografias como textos a serem lidos, empreendi uma viagem com vários matizes: metodológico, cultural, sociológico, político, ancorados no rigor necessário do trabalho acadêmico.

Nesse percurso percebi que a semiótica lingüística, aplicada aos textos visuais tal e qual, e a semiologia da imagem, como uma variante da semiologia lingüística, foram quebrados com Barthes e Umberto Eco, inicialmente, acompanhados por outros autores que burilam as idéias iniciais e agregam outros pontos de vista à discussão. Coloquei-os em meu caminho metodológico.

Parti do princípio que a fotografia é um ato de comunicação expresso por uma técnica. Assim sendo, é o valor do objeto, convencionado socialmente, que vai organizar esse ato comunicativo e a expressão da idéia contida na imagem. No caso de uma fotografia em seus primórdios, esta era muito valiosa, um sinal de distinção social, tanto para aquele que a ofertava como lembrança, quanto para aquele que a recebia, com a *carte de visite*, por exemplo, em meados do século XIX. E mesmo quando a fotografia se populariza, ainda assim sua aura de objeto simbólico permanece, não estando mais nem tanto preso ao valor material, visto o seu barateamento, mas como suporte de representação.

Hoje a questão que se põe, com a profusão de fotos digitais é “o que guardar para a posteridade?”. Alguns, mais radicais, poderão questionar se haverá posteridade, tendo em vista a fluidez e a fixação no tempo presente. Para que, hoje se fotografa? Para quem? Com a modificação da técnica também as perguntas tomam outros rumos que exigem de nós reflexões; outras estruturas são criadas a partir de novos enfoques.

Nesse sentido, as representações são articuladas, ou seja, são produzidas a partir da amálgama na qual se misturam práticas políticas, individuais e sociais, discursivas, enfim. Não agem e não se produzem sós; estão integradas e, quando há algum movimento, este sempre reconfigura as outras partes da estrutura. No caso das fotos analisadas, com a instauração de novos valores sociais republicanos, a escola e, conseqüentemente o trabalho das professoras sofre

alterações e, para suprir a demanda político-social novas representações modelares se estabeleceram.

Procurei nas fotos uma “estrutura” tal qual Fernand Braudel e os referenciais da *Escola dos Annales* sugerem: uma arquitetura, uma trama de cortes e permanências na profissão de professoras. Ao estudar as fotos, o tempo ali representado revela uma conjuntura mais ampla, com rupturas e continuidades. A História se faz juntando-se as peças: peças miúdas – o dia a dia, os acontecimentos cotidianos, os saberes e os fazeres; peças médias – a conjuntura do tempo social, das instituições, dos costumes, dos grupos sociais mais amplos; e peças grandes - a estrutura das sociedades.

Nessa trama, cruzam-se e alimentam-se permanentemente um eixo longo, o diacrônico, e um pontual, do aqui, do agora, o eixo sincrônico. As estruturas são mapas pelos quais nos aproximamos do objeto de estudo. Essa foi uma das razões pelas quais utilizei fotografias de outros períodos em contraposição com as do período delimitado pela tese, no intuito de entender essas cadeias de textos visuais, com aspectos continuativos e quebras singulares.

As rupturas são necessárias para determinados avanços; contudo, nem sempre quem quebra o padrão tem consciência disso. Quando as meninas aparecem com o joelho de fora como na foto da ginástica, por exemplo, há uma quebra na convenção social que regrava o *ser mulher*. Ao mesmo tempo em que se afirma *moderna*, a mulher obedece, com essa ruptura, à lógica social da época que dela solicitava mais ação, mais presença no cenário sócio-econômico da época. Acaba por assumir novos papéis, muitos dos quais sorrateiramente a ela destinados.

Isso posto, é lícito afirmar que a fotografia populariza posturas, condutas, modelos para serem parâmetros sociais e profissionais, no caso das professoras, principalmente em se tratando de fotos oficiais, com as fotos de Augusto Malta. Por que o momento foi fotografado? Qual a importância dada ao momento e por quem? Isso talvez explique a presença constante de “pessoas importantes”, autoridades nas fotos das escolas e solenidades.

Ainda hoje, assuntos de escola são utilizados como propaganda, a favor ou contra. A escola continua sendo uma arena política, um palco de visibilidades, ampliado pelo poder da comunicação de massa, principalmente a televisão. As inaugurações de escolas ainda são registradas oficialmente e veiculadas amplamente; essas festas contam com a presença de autoridades, da comunidade e dos que vão registrá-las oficialmente ou apenas para uma lembrança particular do momento.

Será que Malta pensou em um destinatário-modelo para suas fotos? Será que Pereira Passos, criador do cargo de

fotógrafo oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro pensou em um destinatário-modelo para suas obras? Quem dá o sentido das fotos é o espectador. Se o receptor não tiver competência visual e, sobretudo, repertório, ele faz a ancoragem do que vê em suas próprias referências anteriores. As fotografias de Malta compunham um diário de campo oficial das obras da Prefeitura. Ninguém faz um diário para ser somente guardado, mas tem a expectativa de que foi realizado para ser lido por outrem no futuro. No caso do Rio de Janeiro, para ser lido também no momento presente de sua confecção.

Em que se pesem críticas sobre o fato de que as orientações escolanovistas foram postas em práticas nas escolas da elite, não há como negar o fato da modernidade do projeto republicano, principalmente a partir dos anos 1920, no empreendimento de uma nova escola para o povo. A preocupação era legítima, mesmo que necessária por uma questão política. Se hoje o município do Rio de Janeiro tem uma rede oficial de 1030 escolas, esse processo foi iniciado ainda no final do Império, anunciando, então, a urgência de escolarização da nação. A observação não é ingênua, como poderiam pensar alguns. Merece uma consideração mais rigorosa para que a crítica não caia no vazio de que *tudo de perdeu*, ou ao contrário, de que tudo se aproveitou. Houve muitas práticas que permanecem e ainda dão respostas satisfatórias a algumas das questões que atualmente se põem.

Como um exemplo, a adequação do material didático e do mobiliário escolar, preocupações trazidas na década de 1910, até hoje permanecem bastante atuais. Um outro exemplo da atualidade do projeto é a idéia de que a criança tem uma especificidade própria da idade, aspecto já assinalado nas décadas de 1910, 1920. Fortalecendo essa premissa, as novas tecnologias que se instalaram no final do século XIX – a locomotiva a vapor, o maquinário industrial, a fotografia, o telégrafo, a luz elétrica, o telefone etc -, contribuíram para que a leitura se fizesse muito necessária para o cidadão transitar nesse espaço. Os avanços tecnológicos solicitavam uma nova escolarização que acompanhasse as mudanças sociais.

Esse fato somado a uma nova percepção do *ser criança* que tem uma especificidade no aprender, impõe novos métodos pedagógicos, que se buscam na Biologia, na Psicologia, na Sociologia, na Medicina apoios que justificassem e legitimassem as práticas escolares republicanas.

Aliás, o século XIX e início do século XX são também momentos fortes do industrialismo, da técnica, dos aparatos científicos. Registrar as obras por meio da fotografia, tecnologia de ponta nesse século, é também uma deferência e referência ao *ser moderno*. E a cidade do Rio de Janeiro, por tradição especular, não fica fora dessa

vanguarda, registrando os aspectos considerados fundamentais pelos republicanos para a entrada e permanência no rol das nações *civilizadas*.

Esse aspecto foi crucial para referendar, mesmo que empiricamente a princípio, a força das fotografias de Malta na construção de um novo olhar sobre a cidade e, conseqüentemente, um novo habitante desse espaço, o tipo “cidadão civilizado”, sem alijar um vocábulo do outro, passando quase a ser um pleonasma na malha simbólica da Primeira República. O documento fotográfico é visão de mundo para/ do receptor, para o emissor – o fotógrafo -, e para quem está sendo fotografado.

Por outro lado, após a abolição da escravatura no Brasil, havia de se restaurar o trabalho, antes executado pelos escravos, em atividades decentes e condizentes aos pobres. O que antes era visto como uma coisa sem valor, a partir do final do século XIX tinha de ser entendido como uma boa atividade que iria abrir o horizonte para a entrada dos pobres na civilização. A escola foi parte dessa estratégia de convencimento à população, como uma parte importante do ideário republicano. Daí as Escolas Profissionais que se dirigiam às camadas populares.

Observar e trabalhar. Educação do olhar. Isso explica a sala de exposições com trabalhos manuais e a sala de desenho com as autoridades observando as normalistas desenharem. Juntamente com esse ponto, a escola torna-se uma instituição de enquadramento social da população liberta e pobre, visto que esta deveria aprender os cânones da civilidade agora com o status de “homens livres”.

É entre 1890 e 1930 que se inicia o hábito do registro escolar, inventariando as diferenças para classificar a sociedade. A obsessão taxonômica persegue os intelectuais da Primeira República sob a forma de princípios eugênicos de limpeza, higiene, saúde, traduzido em práticas políticas e escolares.

Para dar a ver o impacto das transformações almeçadas pelos republicanos, inicia-se a construção de novos prédios, de caráter monumental, para abrigar escolas, novos templos da religião educativa. Erigido em lugares considerados adequados, dentro das mais modernas normas higiênicas à época, as construções escolares inscreveram na cartografia da cidade do Rio de Janeiro pontos de referência mesmo paisagísticos, sendo alvo de registros até em cartões postais da cidade. Essa tendência ampliou-se pelo Brasil, fortalecendo as aspirações republicanas.

A mostra e a divulgação das salas de aula tornam-se uma excelente propaganda pedagógica, de grande alcance. O uso de material didático-pedagógico era um marco da modernização e renovação do ensino brasileiro. A persuasão pela estética toma o lugar da palmatória. Se antes aprendia-se

a lição pelas mãos, nos novos métodos didático-pedagógicos que se punham em prática era necessária uma mobilização mais voluntária e volitiva, conseguida pelo gosto de estar na escola, participando por inteiro, não só com as mãos espalmadas para o *bolo*.

No caso das fotografias de turmas e de professoras, essas eram um bem simbólico da República, pois era uma propaganda do que a escola podia fazer pelo povo, pela capital, pelo país. A fotografia mostrava e formalizava a ordem, a hierarquia, atributos de um povo rumo à civilização ao progresso. As escolas eram o teatro; as professoras, as principais atrizes da peça republicana. A escola primária foi “reinventada”.

Há uma foto em que se faz questão de mostrar a classe com os alunos nas carteiras totalmente em ordem e parecendo ser da mesma idade. Nesse sentido, fotos dentro da escola são divulgadoras de novos modelos de professoras; elas elaboram uma concepção coesa e articulam essa concepção como modelo a ser seguido. Singularidades e identidades compartilhadas.

A professora altiva, “sacerdotisa da eugenia”, “vestal da pátria”, foi reiteradamente fotografada por Malta na urgência da formalização e propagação de uma nova imagem profissional, apagando os vestígios do mestre-escola mal formado, mal vestido, mal remunerado. Pela visão oficial, através da lente do fotógrafo oficial, é criada paulatinamente uma imagem oficial da professora da escola pública, imagem sobretudo política, como estabelece a intelectualidade brasileira na construção de uma nova nação iluminada pela civilização e pela luz elétrica – modernidades republicanas...

Sob a égide do Positivismo, predominante na época, só se afirma a existência de algo que seja observável. A fotografia faz ver o indivíduo e este, portanto, passa, de farto, a existir como *indivíduo*, posto que é possível comprovar sua existência empiricamente pela fotografia. No caso das fotos de professoras, se se consegue provar a ordem, a organização, a modernidade das práticas escolares então isso existe, é realidade e o que se afasta desse modelo empírico da *verdade* é ilusão, miragem.

Os significados cultural, social e político se completam e se dão com as formas de divulgação dos ideais republicanos de *ordem e progresso*. Dessa forma, as fotos são também instrumento de divulgação da nova mentalidade que se quer instaurar. Posto que quem vai direcionar o processo de aprendizagem é a professora, que se destaque a importância que toma essa figura no processo de construção da criança, principalmente na República que também precisa da construção de uma nação brasileira: o Brasil é um gigante em desenvolvimento que precisa ser educado e civilizado.

Por isso, a professora também tinha de civilizar-se. Olhando as fotos ela também se reconheceria como tal e tomaria consciência de sua importância no projeto civilizatório nacional, exercendo com responsabilidade e maestria seu papel, na verdade, nela era depositado. Pagava, porém, um preço alto, o de não ser muito escolhida para casar, temerosos os homens de que fossem vistos como “mantidos pela esposa”. Profissão feminina digna, mas mulher solitária.

Quando pensada aos olhos de hoje, a mulher-professora não é mais vista como a *solteirona*. Ela tem marido, filhos, família além de seu trabalho. Porém, em se tratando do status da profissão, perdeu muito. Entretanto, em alguns casos, como o Curso Normal em algumas regiões de camadas menos favorecidas do Rio de Janeiro, a população ainda procura o Normal como preparação para o trabalho, como uma opção para um futuro emprego. Mas esse não é um movimento apenas ligado ao Magistério, senão ao ensino profissional de maneira geral. A aura de dignidade e orgulho desapareceu.

No rol das situações que cercam a formação dessa mulher professora, outra questão se interpõe: quem educa a educadora? Uma pergunta antiga, ao mesmo tempo atualíssima. Esse professor que prepara as normalistas, e a maioria é feminina, ainda é, a meu ver, um construtor de subjetividades, um *fazedor* da profissão docente. Sinto este exemplo, nem sempre positivo, mas indiscutivelmente, marco simbólico.

O que hoje poderíamos contrapor aos exemplos que parecem exitosos é o fato de que a (o) professora (or) não é mais o *donos* do saber; com a divulgação e o acesso à informação como temos atualmente, penso não caber-lhe mais centralizar em si todo o processo de ensino. Vejo-a muito com a tarefa de ensinar sim, mas também um *orientador* da aprendizagem de conhecimentos que não mais estão retidas em seu poder, enciclopédico. Há que ter senso crítico também, haja visto o torvelinho de informações – falsas e seguras – dentro do qual a sociedade se encontra.

Fechando este trabalho, imagens me vêm: prédios, reformas, remodelação urbana, regeneração, bota-abaixo, estética, professoras, imagem... São fatos e olhares que compuseram a trajetória da profissão de professora e sua inscrição na partitura da vida de todas aquelas que estão ali retratadas, de todas que exercemos o ofício e que, certamente, trazemos um pouco, ou quem sabe, muito, dessas “construtoras da nação”.